

CASTELO BRANCO ORGANIZA CONGRESSO A PARTIR DE SEXTA

Paliativos não são só para idosos

SAÚDE Mais de 400 pessoas são esperadas para o primeiro congresso internacional, onde também há doentes jovens.

José Furtado

jose.furtado@reconquista.pt

Quando se fala de cuidados paliativos a primeira ideia é que estes servem para aliviar a dor no final da vida, sobretudo de quem já tem alguma idade. Não deixa de ser verdade mas não é a apenas assim. "Neste momento até temos doentes muito jovens. Temos doentes oncológicos mas começamos também a ter as insuficiências de órgãos". Quem o diz é Isabel Duque Martins, que coordena a equipa da Unidade de Dor Crónica e Medicina Paliativa da Unidade Local de Saúde de Castelo Branco, que a partir desta sexta-feira reúne na cidade mais de 400 pessoas na primeira edição do Congresso Internacional de Cuidados Paliativos. Em Castelo Branco esta pequena equipa tem trabalhado sobretudo dentro do hospital, apoiando os vários serviços sempre que necessário. Muitos dos seus pacientes chegam, por exemplo, da Nefrologia. "Mas nós podemos colaborar com todas as especialidades", refere a médica.

Outra ideia feita é que este tipo de apoio é para quem já não tem cura, o que também não é verdade. "Os cuidados paliativos devem ser introduzidos na vida do doente a partir do momento em que temos doença crónica avançada e progressiva, inde-



FOTO LUÍS TAVARES

Isabel Duque Martins é responsável pela equipa

pendentemente de poder ter cura. Temos doentes a quem demos alta, que é uma ideia que as pessoas não têm. É verdade que não é frequente mas pode acontecer", explica a médica.

A equipa base como a que está sediada no Amato Lusitano funciona num pequeno espaço. Tem médicos, enfermeiros, assistente social e psicólogo. "mas nós colaboramos e pedimos a colaboração de outras especialidades, como a psiquiatria ou a medicina física e de reabilitação". O trabalho é feito sobretudo dentro do hospital mas já prestam também algum apoio ao domicílio e a instituições como a unidade de cuidados continuados da Santa Casa da Misericórdia de Castelo Branco.

O interesse por esta área é cada vez maior, tanto nos profissionais como nos cidadãos. A ideia do congresso surgiu assim. Quando a Unidade de Dor Crónica e Medicina

Paliativa da Unidade Local de Saúde de Castelo Branco quis assinalar o primeiro ano de existência organizou um pequeno evento no Hospital Amato Lusitano, que acabou por encher a sala contra as expectativas iniciais. Com o congresso que chega agora aconteceu o mesmo. A organização esperava no máximo 150 pessoas e no fim de contas os participantes serão mais do dobro.

"As pessoas começaram a aperceber-se que há aqui uma especialização médica que faz a diferença para pessoas com doença crónica avançada e progressiva. O tema da morte e das doenças incuráveis era quase tabu no nosso país e agora as pessoas começam a falar dessa temática. É natural que estejam interessadas e que o público em geral queira saber algo mais sobre esta questão", justifica Isabel Duque Martins.

A evolução nesta área não passa apenas por chegar ao

doente mas também numa mudança de mentalidade dos próprios profissionais de saúde. "Os médicos quando saem da faculdade vêm balizados para a cura do doente. E nós médicos temos a dificuldade em aceitar que não podemos curar aquele doente. Este é um tipo de mentalidade que estamos a tentar que seja alterado, com o ensino dos cuidados paliativos nas escolas médicas", diz Isabel Duque Martins. O distrito de Castelo Branco foi pioneiro neste tipo de cuidados com a unidade da dor do Fundão e no ensino tem-se afirmado com a pós-graduação na Escola Superior de Saúde Dr. Lopes Dias, que é procurada por profissionais de todo o país. "Quase todos fizemos a nossa formação pós-graduada aqui. Este ano há 18 médicos a fazer formação e alguns já integrados em equipas por esse país fora". O Congresso Internacional de Cuidados Paliativos começa esta sexta-feira no Cine Teatro Avenida e a conferência de abertura é com Carlos Centeno Cortés, o diretor da unidade de medicina paliativa da Clínica Universidade de Navarra. O médico espanhol é autor de mais de 60 trabalhos de investigação e foi um dos responsáveis pela criação da primeira equipa de cuidados paliativos na região espanhola de Castela e Leão.